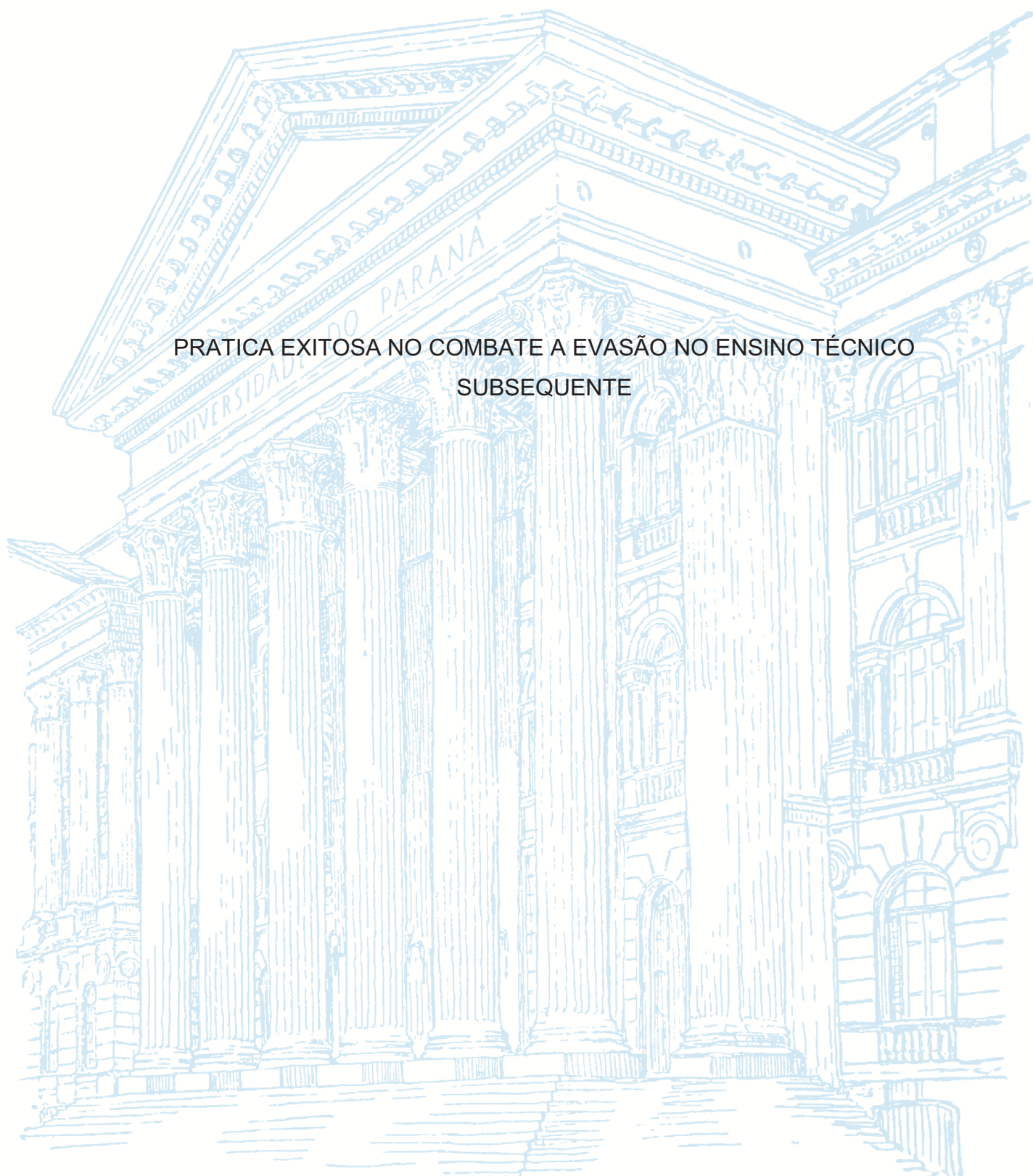


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CANDIDA HELENA ALVES PEREIRA DO AMARAL

PRÁTICA EXITOSA NO COMBATE A EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO
SUBSEQUENTE



MATINHOS

2018

CANDIDA HELENA ALVES PEREIRA DO AMARAL

PRÁTICA EXITOSA NO COMBATE A EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO
SUBSEQUENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, Setor de Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Alternativas para uma Nova Educação.

Orientador: Prof. Msc. Almir Carlos Andrade

MATINHOS

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

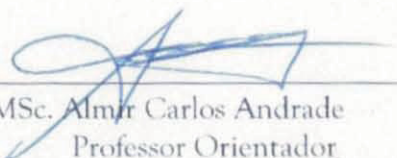


CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA
EDUCAÇÃO

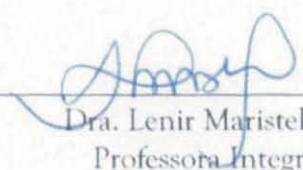
PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Professor **MSc. Almir Carlos Andrade**, realizaram em 29 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Candida Helena Alves Pereira do Amaral** sob o título “PRÁTICA EXITOSA NO COMBATE A EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO SUBSEQUENTE”, sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo sido “APROVADA”.


Matinhos, 29 de junho de 2018.



MSc. Almir Carlos Andrade
Professor Orientador



Dra. Lenir Maristela Silva
Professora Integrante



MSc. Susan Regina Raittz Cavallet
Professora Integrante



Candida Helena Alves Pereira do Amaral
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

À Aline Vieira Velozo que oportunizou este processo educacional caminhando junto em todas as etapas.

PRÁTICA EXITOSA NO COMBATE A EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO SUBSEQUENTE

Cândida Helena Alves Pereira do Amaral

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo de caso desenvolvido através de práticas holísticas que levam em conta a realidade do estudante. O desafio era combater o alto índice de evasão nos cursos técnicos de ensino médio subsequente na modalidade Ensino a Distância – EAD no litoral do Paraná. O objetivo é mostrar que é possível haver humanização na educação através da integração comunidade escola mesmo com as regras legais tradicionais impostas. Novas propostas de condução dos cursos se faziam necessárias devido a algumas variáveis: estudantes vinham de outras cidades, balneários e ilhas para estudar, escola instalada em local retirado e íngreme sem suporte urbano mínimo, transporte público incompatível com os horários das aulas, ensino básico deficitário, dificuldade de acesso a tecnologias por parte dos estudantes e resistência da comunidade caíçara às práticas de um ensino frio e distante. O trabalho realizado necessitou primeiramente da desconstrução da ideia de ensino e EaD e “tutor”, tanto por parte dos estudantes como dos próprios profissionais da educação. A participação da comunidade e das empresas foi fundamental para agregar conhecimento e novas práticas ao aprendizado. Levar em conta as peculiaridades e necessidade de cada estudante foi fundamental. A metodologia da pedagogia Freinet de uma educação interativa, baseou as atividades formativas foram desenvolvidas através de projetos de observação e contato com empresas e comunidades que teve um resultado positivo de 72% de aprovados na turma observada.

Palavras-chave: Educação. Evasão. Humanização. Interdisciplinaridade. Ciência. Tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

É importante refletir sobre a educação brasileira no contexto atual. Refletir sobre as práticas pedagógicas ultrapassadas. Sobre questões tecnológicas que influenciam a sociedade como um todo. Sobre os diversos patamares educacionais e sobre as políticas que os influenciam.

Este texto trata um pouco de cada um destes temas acima citados, porém, detém-se mais precisamente sobre a educação de adultos em cursos técnicos de ensino médio subsequente na modalidade EaD, na região litorânea do Paraná.

A educação para adultos tem por base iniciativas de transformação social com capacidade de formação crítica/reflexiva.

Os cursos técnicos surgem como políticas de governo para sanar demandas locais de formação específica e possibilitar melhores condições de educação/renda para uma região.

Também se pode acrescentar a este procedimento a formação permanente que visa o desenvolvimento do indivíduo para seu crescimento e libertação.

No entanto, a educação bancária tradicional generaliza os estudantes sistematizando-os em apto ou não apto em provas que não levam em conta a totalidade dos conhecimentos dos cursos, mas fixa em um modelo de castigo onde se estuda apenas para conseguir nota.

Quando o estudante é apenas um cliente e a educação uma mercadoria, tem-se apenas uma transmissão de conhecimentos, às vezes, e quase sempre, não apropriados. E de forma alguma, transformadora.

Este projeto teve como proposta evitar a evasão escolar no curso técnico em segurança, modalidade semipresencial no litoral do Paraná. A proposta consistia em promover uma educação que integrasse a comunidade e que tivesse um real poder transformador.

O projeto foi empreendido entre os anos de 2016 e 2017 na cidade de Pontal do Paraná. Várias propostas de integração comunitária foram desenvolvidas entre os personagens escolares. Dentre elas, o estudo em grupo com profissionais da área cursada em dias que não eram os de ensino regular, encontros para atividades na comunidade, visitas técnicas nas empresas da região para conhecer as possibilidades do mercado de trabalho e suas diferenças, viagens a congressos e seminários.

Também foram trabalhados e combatidos em sala de aula todos os tipos de preconceitos vivenciados, assim como a noção da necessidade de competitividade e isolamento. Através do trabalho em grupo e o desenvolvimento de projetos na busca por uma interação social que permitisse a apropriação do conhecimento.

O objetivo da proposta desenvolveu-se através de um pensamento de educação humanizadora em que não se tinha uma sala de aula, mas uma família integrada.

2 MEMÓRIA DE VIDA

Helena Amaral nasceu Cândida Helena Alves Pereira em Guia Lopes da Laguna – MS. Primogênita. Irmã de Estela (do meio) e Flávia (mais nova). Fruto de uma família desestruturada (pai alcóolatra e agressivo e mãe fanática religiosa). Por vezes, viveu com a vó materna. Outras vezes, na casa dos pais. Processo que distanciava do convívio solidário com as irmãs.

Sofreu todo tipo de violência na infância. O que a tornou sensível amante da natureza e com profunda indignação com injustiças.

Sempre teve grande amor pela leitura desde pequena. Lia escondido. Enquanto os pais tomavam chimarrão a luz de lamparina. Lia utilizando o fio de luz que entrava pela fresta da parede. Foi criança solitária que filosofava os porquês do mundo. Aos oito anos, sonhava em montar um orfanato, tipo educandário. A proposta pedagógica da instituição seria uma educação com amor e nunca com repressão e imposição.

Pela pouca idade e informação que tinha, misturava ideias inovadoras e modos tradicionais. Como por exemplo, o uniforme. Pensava todas as possibilidades de proteção da criança para que não tivesse brecha para sofressem abusos, fortalecendo o conhecimento e o empoderamento.

Na primeira série (1980) na Escola Estadual Alziro Lopes em Guia Lopes da Laguna – MS, uma atividade marcou demais. A professora levou todos para o pátio, a brincadeira era todo mundo bater em todo mundo, ganhava quem não chorasse. Resistiu por muito tempo, o que significou que apanhou muito. Um menino bateu a socos nos meninos e puxou os cabelos e arrastou pelo chão as meninas até que todos chorassem, ganhou a “brincadeira” e foi aclamado pela professora.

Na escola era a feia. A magra demais. A burrinha da turma. Aquela que ninguém queria fazer atividade junto. Sofria *bullying* por causa do nome “Cândida” que significa água sanitária e doença. Também por usar óculos (Boi de óculos) e por ser pobre.

Não seguia os padrões. Não acompanhava a idade da turma. Não tinha o material escolar comprado, usava o caderno fornecido pelo governo. As professoras promoviam *bullying*, ou fechavam os olhos quando acontecia. A explicação era que isso fortalecia o estudante. Quando chorava em na sala, ia para a secretaria, levava bilhete para casa e apanhava em casa.

Odiava os métodos da escola e estudava o necessário para passar e não apanhar em casa. Nunca reprovou, nem ficou “de recuperação”. Mas também, nunca teve notas máximas. Porque, enquanto a professora dava aula, estava questionando os métodos, olhando pela janela, sonhando, desenhando, escrevendo poesias. As poesias sempre foram destruídas pela mãe. Também não era permitido dançar, ouvir música e assistir TV. A mãe, oprimida, apanhava sempre do marido e descontava nas filhas, com xingamentos e surras que deixaram marcas nos corpos e nas almas.

No primário (1^a a 4^a) todo início de ano, no primeiro dia de aula, passava mal e vomitava na sala. Era um ritual conhecido por causa do nervoso em ir para a escola enfrentar aquela realidade. Mas, tinha sede de conhecimento, acreditava que através da escola conseguiria se livrar do jugo que vivia. Lia tudo.

Quando a avó faleceu, a família mudou-se para Amambai – MS. As meninas foram entregues em fazendas da região para trabalho, cada filha em um lugar diferente. Sem escola e sem escolhas. Seu pai não acreditava na educação escolar, a qual não tinha frequentado mais que algumas classes iniciais que haviam lhe deixado marcas negativas. Tirou as filhas da escola levando-as para trabalhar na roça. Certa época, aos onze anos de idade, foi entregue a família de capatazes de fazenda como auxiliar de serviços domésticos. Uma vez por mês ele passava na casa para saber se estávamos bem. Na casa onde eu estava, no dia marcado para a visita, vestíamos uma roupa bonita e podíamos comer na mesa e sentar na roda de chimarrão enquanto meu pai estivesse lá. E lá se iam conversas de como eu evoluía nos afazeres domésticos e as reclamações de que eu era muito “avoada” e fazia o serviço muito devagar. O trabalho forçado que começava às quatro da manhã seguia até mais ou menos às 24h. Tinha pouco tempo de descanso e saúde debilitada. O trabalho análogo à escravidão era justificado como necessário para “aprender a ser mulher”.

Trabalhava na roça, sol quente e sonhava com o futuro, um trabalho em escritório, uma biblioteca talvez. Foi assim por um ano até que tiveram oportunidade de passar o natal em casa. E quando foram nos buscar para voltar para o trabalho, fingimos estar doentes até “perder o emprego”. O pai furioso mandou ir para a cidade a mãe. Voltamos para a escola.

Quando no 1^o ano do segundo grau, fui selecionada para ganhar uma bolsa em uma escola particular. Nesse mesmo período o pai, alcoolizado, em um domingo começou a bater na mãe. Era assim que começava. A mãe apanhava primeiro,

depois as filhas. Não aceitei, saí correndo entrei na casa de um vizinho, me escondi em baixo de uma cama. Enquanto as pessoas seguravam o pai na sala fugiu pelos fundos pra não voltar mais. Arrumou trabalho de ajudante de costureira e um quarto pra morar. O dinheiro só pagava as apostilas da escola (só tinha bolsa das mensalidades). Acabou indo morar na rua. Só comia o que era ofertado no trabalho. Tinha vergonha de pedir, ou de contar a real situação. Nunca desistiu de estudar. Não demorou a engravidar e casar. O marido não gostava que estudasse. Fez o 2º ano, grávida e o 3º ano, com a filha no colo, porque ninguém ajudava. Fez vestibular para engenharia química e passei em 3º lugar, mas o marido proibiu de estudar. Queimou as poesias, livros, cadernos e fotos e ficou sem estudar e ler por 13 anos, nesse tempo teve outra filha.

Prestei vestibular para Licenciatura em História. Voltar a ler foi um misto de sofrimento (devido à complexidade dos textos e a carga de leitura) e êxtase (devido à vontade de aprender que renascia). Na graduação vivenciou muitas práticas de uma educação tradicional, repressora e perseguidora dos estudantes que pouco ou nada contribui para o que se propõe – A construção de um cidadão crítico..

Mudou-se para o litoral do Paraná para estar ao lado da filha que sonhava estudar biologia marinha. Enquanto esperava ela desenvolver seus estudos começou a estudar Ciências Sociais no IFPR – Paranaguá e participar ativamente das atividades do Campus. Foi selecionada para estagiar no administrativo e também participou do processo seletivo do NUTEAD – Paranaguá. Tornou-se professora pesquisadora em Pontal do Paraná.

2.1 Processo de escolha profissional, profissionalização e principais influências recebidas

Quando criança trabalhou na roça, em casa grande de fazenda. Ajudava os pais. Na cidade era cuidadora de crianças e empregada doméstica desde os 8 anos de idade. Aos 15 anos foi ajudante de costureira. Terminou o ensino médio com uma filha nos braços e não pode continuar os estudos. Cuidou das filhas e fez todo tipo de trabalho manual que não exigisse sair de casa. Bordado com pedrarias, ponto de cruz, crochê, tricô e pintura. Guardava no peito o sonho de trabalhar em uma sala, com livros. Não pensava em uma sala de aula, mas em uma biblioteca.

Fez o vestibular da UEMS e surpreendeu-se, pois passou com ótima colocação. Trabalhou como estagiária na biblioteca da Universidade, o que foi uma

grata experiência. Aproveitou o tempo para ler o máximo de livros que podia. Os caminhos me levaram para o lado da educação, primeiro com a Licenciatura em História que abriram as portas para sair de casa e me inserir na sociedade. Processo de transição doloroso que afetou muito as filhas. Mas, que era necessário ser vivido.

Começou a trabalhar como professora pesquisadora (tutora) do NUTEAD em Pontal do Paraná com a missão de evitar a evasão escolar dos cursos técnicos. Desde então, faz parte do sistema, questionando-o e enfrentando-o diariamente. Nunca sonhou em ser professora desse ensino tradicional, mas em sala de aula subverte as regras e consegue se adaptar. Nas turmas onde foi professora é bem recebida como se fosse família e de alguns se tornou mais que parente. Observa cada estudante em suas especificidades e procura atentar para elas diariamente, utilizando os conhecimentos locais para promover o conteúdo das aulas. Acredita em uma educação interativa em que todos estão constantemente aprendendo.

2.2 Questionamentos em relação à educação e a formação escolar

O principal questionamento sobre o processo educativo é o engessamento e perpetuação do modelo tradicional opressor.

Questiona-se o modelo de condicionamento vigotsquiano. A forma brutal de moldar comportamentos socialmente desejáveis para o trabalho e o consumo. A educação tradicional que pretende abrir a mente do estudante e colocar algo lá dentro sem que esse possa expressar seus sentimentos ou acrescentar seus conhecimentos. A educação escolar formal como ainda se apresenta nos dias de hoje violenta o psicológico do estudante, desde as primeiras séries até o ensino superior. A educação formal machuca, adocece e até mata, quando não tira os sonhos.

3. O PROJETO: prática exitosa no combate a evasão no ensino técnico subsequente

São crescentes as discussões sobre evasão e permanência escolar. Até mesmo se discute a educação tradicional e as leis são modificadas a fim de englobar mais qualidade e eficiência a prática e aos resultados da educação.

No entanto, apesar dos esforços empreendidos a resistência da tradição no ensino ainda persiste. Porém, estratégias de práticas docentes interdisciplinares têm surgido e lentamente e mudado o contexto da educação de uma forma mais inclusiva e democrática.

Este projeto teve início com as atividades do curso no ano de 2016 no curso técnico em Segurança do Trabalho ofertado pelo IFPR na cidade de Pontal do Paraná em convênio com a prefeitura que cedia uma escola polo para alocação do curso.

FIGURA 1 – Turma Técnico em Segurança do Trabalho 2016/2017



FONTE: Helena Amaral (2016).

A princípio era apenas uma perspectiva de mudança, a qual se fazia necessária, devido os altos índices de evasão. Os profissionais da educação tinham como obrigações: cumprir o processo de EaD, principalmente no quesito avaliativo e mudar o panorama dessa modalidade educativa na região. Uma busca por práticas pedagógicas que englobem visão, pois se constata um melhor aprendizado a partir de uma aplicação que atenda a um questionamento dos estudantes sobre a sua realidade local ou regional sem deixar de considerar as relações globais.

FIGURA 2 – Equipe da organização da confraternização de fim de ano



FONTE: Helena Amaral (2016).

As aulas por vídeo se tornava cansativas para os trabalhadores informais, pais e mães de família que procuravam uma forma de mudar de vida que participavam do curso. Durante as aulas o vídeo não podia ser interrompido e os estudantes não podiam conversar.

As provas objetivas (que vinham prontas da coordenação) muitas vezes traziam conteúdo de concursos ou vestibulares, escritas de uma forma a confundirem os estudantes.

Vasconcellos (2013) comenta que:

A avaliação para assumir um caráter transformador (e não de mera constatação e classificação), antes de tudo, deve estar comprometida com a aprendizagem (e desenvolvimento) da totalidade dos alunos. Este é o seu objetivo mais radical, é o que justifica sua existência no processo educativo. (VASCONCELLOS, 2013, p.41)

Na análise das potencialidades da educação, uma dimensão significativa é a articulação dos conhecimentos da comunidade, pois um estudo fundamentado com a sua realidade social, faz mais sentido. Desta forma, a interação entre os estudantes se faz necessária, porque aprendem à partir do diálogo e podem aprender ainda mais se estiverem entre pares, não entre concorrentes. Mas, o conversar entre si pressupõem indisciplina.

FIGURA 3 – Apresentação de seminários e atividades em grupo



FONTE: Helena Amaral (2016).

Alguns estudantes vindos de cidades vizinhas para aproveitar a oportunidade do curso, não concordavam com a interação em sala de aula.

Vasconcellos (2013) contribui com o pensamento de uma nova ética, um compromisso com a solidariedade e a valorização da educação através da reorganização da construção das disciplinas de uma forma consciente e interativa, rompendo com as práticas competitivas entre os alunos e professores e com foco em um ensino colaborativo. Nesse sentido, os estudantes que tinham mais conhecimento e se dispunham a ajudar, acompanhavam a recuperação de estudantes com dificuldades.

FIGURA 4 – Alunas com dificuldade de aprendizado fazendo aula de reposição



FONTE: Helena Amaral (2016).

O rompimento com as práticas tradicionais de ensino e a busca por novas estratégias de educação contra hegemônica, democrática e inclusiva parte do pensamento dos principais teóricos educacionais no tocante ao ensino interdisciplinar.

FIGURA 5 – A primeira aula em campo – Petrobrás P76



FONTE: Helena Amaral (2016).

Estudantes que tinham outras formações evocavam a premissa de um ensino tecnológico a distância de aprendizado autônomo em que ninguém podia ajudar ninguém. No entanto, notava-se que a crise gerada era um resquício de uma educação pautada na concorrência. Demonstrar a inferioridade do outro e a superioridade daquele que tinha já tinha conhecimento dos processos.

Largas foram as discussões com a coordenação para que pudesse ser acrescido ao ensino EaD com vídeos e provas, os estudos em grupo, visitas técnicas e o desenvolvimento de projetos também em grupo. Todos estes pressupostos fazem parte das orientações pedagógicas do curso, mas nunca são seguidos.

Neste projeto nos tornamos uma família. As ações eram feitas em conjunto e quando alguém faltava, todos ficavam preocupados. Se alguém tinha um problema pessoal, quem podia, ajudava. O lema era – Solidariedade e não deixar ninguém pelo caminho.

O ser humano gosta de desafios (problema, contradição, consciência da incompletude, busca de ser mais, etc.); a tarefa que está posta sua formulação alienada –“ser melhor”, “conseguir nota”, “passar de ano” – e apontar novas tarefas para os alunos: aprender mais e melhor; não deixar ninguém pelo caminho, avançar juntos (“nenhum a menos”); refletir, desfrutar o prazer de conhecer; pensar com a própria cabeça; descobrir novas possibilidades de organização do real, ser capaz de intervir, abrir novos horizontes dentro e fora da escola (VASCONCELLOS, 2013, p222).

Esse resgate de uma educação interdisciplinar, solidária e autônoma pode ser visualizado nos conceitos propostos por Edgar Morin (2000) quando discute a soberania do conhecimento ensinado isoladamente e que não é capaz de interagir com a realidade global e os conhecimentos parciais e locais dos estudantes.

FIGURA 6 – Atividades de interação estudante/comunidade



FONTE: Helena Amaral (2016).

Práticas integrativas existem, mas são desconsideradas ou desconhecidas pelos professores (tutores) com mais tempo de sala de aula. Fazem de tudo para tornar o processo cada vez mais automático e menos trabalhoso, sem pensar que se está lidando com seres humanos. “Professores há aos milhares. Mas o professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao

contrário, não é profissão, é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.” (ALVES, 2014, p.43).

Morin (2000) corrobora dizendo que:

O problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos. E, por este motivo, deve ser uma das finalidades da educação no futuro. Lembremo-nos de que nenhuma técnica de comunicação, do telefone à internet, traz por si mesma a compreensão. A compreensão não pode ser quantificada. Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia de solidariedade intelectual e moral da humanidade. (MORIN, 2000, p.93).

Para entender a problemática da evasão no curso, foi necessária a observação holística sobre os cursistas. Uma aproximação com a comunidade. Para que em sendo reconhecida como parte, tivesse mais acesso e menos enfrentamento.

Para o conteúdo fazer sentido, o estudante tinha que compreendê-lo a partir da sua realidade. Mas, para permanecer no curso ele tinha também que se sentir parte da instituição. Para que isso se tornasse realidade várias atividades extras foram elaboradas.

FIGURA 7 – Atividades extras - Seminários, Palestras e Congressos



FONTE: Helena Amaral (2017).

Sendo assim, a comunidade escolar participava de eventos extras, acadêmicos e comunitários, tais como: caminhadas na natureza, passeios ecológicos, pedaladas dominicais, passeios de barco, almoços e festas da comunidade, além dos estudos em grupo, visitas técnicas e viagens a seminários e congressos.

FIGURA 8 – Reuniões na escola, passeios, atividades em família, tudo fazia parte da formação



FONTE: Helena Amaral (2017).

Segundo Galeano (1991) a compreensão integral do ser humano e o respeito e valorização de cada um é nosso desafio diário. Quando lidamos com a comunidade percebemos que toda ação tem uma perspectiva pedagógica e se faz necessário refletir sobre as relações e tudo o que envolve o cotidiano de seus componentes. Nesse sentido, a educação popular não se faz sem o diálogo entre os sujeitos. Mas, é a partir do diálogo que se faz uma educação humanizadora.

Freire (1990) acrescenta:

É preciso [...] reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores e educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. (FREIRE, 1997, p.90)

Também é inegável a contribuição freireana para a educação. Pressupõe respeito aos saberes socialmente construído dos estudantes quando comenta que ensinar é muito mais que transferir conhecimento.

FIGURA 9 – Canteiro de obras da empresa Gel Engenharia, aula prática



FONTE: Helena Amaral (2017).

Pensando em uma educação mais humanizada, buscou-se utilizar a metodologia da pedagogia proposta pelo educador francês Célestin Freinet que no início do século 20 já não concordava com o ensino tradicionalista. Propunha uma educação através de projetos de trabalho democrático e colaborativo em que os estudantes podiam utilizar sua criatividade. (NASCIMENTO, 1990).

A evasão não era apenas aceitável, mas prevista como solução. Ao questionar sobre a superlotação da sala aos responsáveis pelo polo, tentaram tranquilizar dizendo que na próxima semana a metade da turma já teria desistido e a sala ficaria menos apertada.

O desafio de combater o alto índice de evasão nos cursos EaD começa com a falta de equipamentos e de espaço na sala de aula. Duas turmas foram selecionadas, 40 estudantes para cada uma, no entanto, só havia uma sala com 70 carteiras onde eles mal podiam se mover. Tudo foi contornado, o que poderia ser um problema acabava se tornando a solução.

FIGURA 10 – Empresa Toyota Sulpar, aula expositiva



FONTE: Helena Amaral (2017).

Conforme Figura 10, Desde o contato com a empresa, até o material e as aulas nas dependências da Toyota foram organizados e realizados pelos estudantes. Algumas estudantes relataram ser a primeira vez que entravam em uma oficina.

FIGURA 11 – Empresa Copel, visita técnica



FONTE: Helena Amaral (2017).

O que poderia ser um capítulo triste, fez com que novas propostas surgissem para evitar que desistissem. Na Figura 11 – os estudantes tem aula expositiva nas dependências da Copel e depois vão a campo para visita técnica acompanhados dos profissionais da empresa e dos professores para a devida orientação.

FIGURA 12 – Empresa PASA, visita técnica



FONTE: Helena Amaral (2017).

Na Figura 12, os estudantes participam de aula expositiva e visita técnica na empresa PASA – Operações Portuárias. A integração com a comunidade e o desenvolvimento de atividades que englobassem a realidade dos estudantes é um trabalho que nem todos estão dispostos a fazer. Todos os estudantes do curso participaram das atividades de visita técnica, embora as professoras não trabalhassem com a mesma proposta de integração escola/comunidade/mercado de trabalho.

FIGURA 13 – Aulas com profissionais na escola, grupos de estudo em casa



FONTE: Helena Amaral (2017).

Não só na sala e nem só nas empresas. Na Figura 13 observa-se que tanto, profissionais atuantes iam a escola a convite do curso para ministrar palestras, como também, os estudantes realizavam estudos em grupo em casa, como complemento das atividades. Desta forma, as empresas tinham conhecimentos dos profissionais que estavam se formando e o tipo de formação que estavam participando. Muitos alunos terminaram o curso e foram contratados pelas empresas parceiras das aulas.

Foi necessária muita adaptação e motivação para estudantes e professores, pois, muitas estudantes eram mães que viam no curso a possibilidade de mudar a sua realidade social, a escola pelo se encontrava em lugar pouco urbanizado e retirado, estudantes caiçaras, vinham de diversos balneários e ilhas e outros vinham de cidades do litoral e região metropolitana de Curitiba para as aulas semanais.

FIGURA 14 – Pai, mãe e filha apresentando Banner em evento



FONTE: Helena Amaral (2017).

Os estudantes do curso geralmente são pessoas com idade entre 25 a 45 anos que querem se inserir no mercado de trabalho com um salário melhor. Em sua maioria mulheres, mães, trabalhadoras que visualizam no curso uma melhora de vida para si e para seus filhos. Também fazem parte do curso, homens, trabalhadores que vêm no curso uma forma de agregar a sua formação inicial ou de dar uma guinada na vida.

Discutir a inclusão de gênero na perspectiva dos direitos humanos foi fundamental, até porque o mercado de trabalho para técnicos em segurança do trabalho é majoritariamente masculino.

A inclusão dos direitos sexuais e reprodutivos como parte dos direitos humanos é resultado de uma conquista histórica marcada por inúmeros processos de resistências, avanços e até retrocessos que passou a ser contemplada muito recentemente nas discussões dos direitos humanos. (ALMEIDA, 2016, p.261)

Uma das estratégias foi permitir que as famílias participassem das aulas. Um ponto importante do projeto. Ao perceber que a maioria dos estudantes, na verdade eram mães que no início tinham grande preocupação em deixar os filhos em casa. Deixar os filhos em casa para estudar atrapalhava a concentração em sala de aula e fazia com que faltassem com frequência, distanciando assim do curso e da discussão dos conteúdos.

Em comum acordo com os estudantes e de início contra a vontade da coordenação. Foi permitido que as mães levassem seus filhos para a sala. Chegamos a ter 8 crianças em sala, com idade entre 1 a 8 anos.

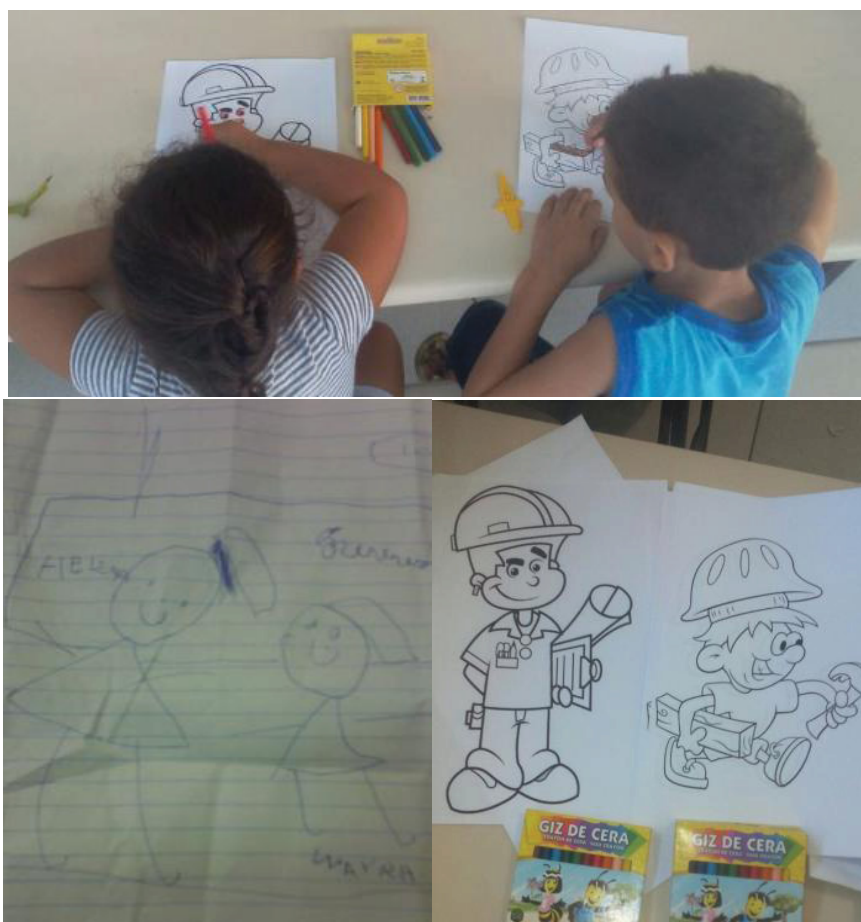
Segundo Maturana (2002) o entender a educação e todo o processo que envolve a aprendizagem e a necessidade de levar em consideração os

questionamentos e a realidade do estudante para explicar os conteúdos em sala de aula. O aluno desmotivado emocionalmente não consegue assimilar o conteúdo.

Todo sistema racional se baseia em premissas fundamentais aceitas a priori, aceitas porque sim, aceitas porque as pessoas gostam delas, aceitas porque as pessoas as aceitam simplesmente a partir de suas preferências. E isso é assim em qualquer domínio, seja o da Matemática, da Física, da Química, da Economia, da Filosofia ou da Literatura [...] O humano se constitui do entrelaçamento do emocional com o racional [...] (MATURANA, 2002, p.17-18)

Alguns exemplos de atividades para as crianças, programadas conforme as atividades dos pais, mas elas tinham liberdade para assistir as aulas, frequentarem o parquinho ou desenvolverem seus próprios desenhos.

FIGURA 15 – Crianças na escola. Pais mais tranquilos, menos faltas



FONTE: Helena Amaral (2017).

Com o tempo não só as crianças começaram a frequentar as aulas, como também, os maridos e esposas desconfiados da dedicação dos estudantes para com o curso. Um dos resultados da integração, eles não queriam mais faltar as aulas. Essas pessoas acrescentavam nas discussões e ajudavam a cuidar as

crianças. De forma mais discreta as famílias frequentam a escola e não necessitaram desistir.

Segundo Rubem Alves (2014) quando se dissocia a ciência da realidade do estudante, esta perde sua legitimação, porque a ciência é viva, ela só existe em função da vivência. “A ciência é uma função da vida. Justifica-se apenas como órgão adequado á nossa sobrevivência. Uma ciência que se divorciou da vida perdeu sua legitimação.” (ALVES, 2014, p.320)

As conquistas observadas foram:

- Combate contra a evasão através de diversas estratégias particulares e solitárias;
- Mudança de coordenação. Foram admitidas pessoas cooperativas e visionárias;
- O desenvolvimento de uma rede de solidariedade onde se aprende compartilhando informações dentro e fora da escola, como amigos, colegas, ajudando-se mutuamente e profissionalmente;
- Todos aprendem no dia-a-dia com a interação constante, com a comunicação através de vários meios tecnológicos. Sendo que, no início a maioria tinha dificuldade em utilizar;
- Estudantes internalizam o conteúdo, haja vista, que é trabalhado no dia-a-dia, leva o conteúdo para suas práticas diárias, dando uma destinação clara para o que aprendem em sala de aula.

Deixa-se, portanto de lado a formação de conhecimento mínimo e dá-se ênfase para uma formação onde se vivencia o conteúdo.

A intenção foi trabalhar uma educação continuada, integral em todas as atividades pautada em uma rede de afetividade que envolvesse a comunidade e a escola.

4 - Ações ANE e o meu projeto

Integração da turma de técnico em segurança do trabalho e os componentes da ANE. Agendada para acontecer em setembro, quando da finalização das aulas do curso de técnico em segurança do trabalho.

FIGURA 16 – 1ª ação ANE e Comunidade - Guaraguaçu



FONTE: Helena Amaral (2017).

Os estudantes e a comunidade tinham uma expectativa muito grande do contato com o pessoal da pós-graduação. Conforme Figura 16 - foi organizado um jantar feito no fogão à lenha e uma roda de conversa posterior. A Juliana e esposo (integrantes da ANE) filmaram o encontro. Compareceram Daniele Ramos e Angélica da pós-graduação em questão social. Os alunos do curso técnico ficaram um pouco decepcionados porque tanto os professores quanto os colegas da pós-graduação não puderam comparecer.

A segunda ação foi logo em seguida e também foi filmada. Neste dia foi marcado um churrasco a beira mar e roda de conversa após o almoço, na casa de um dos alunos onde nos reuníamos para os estudos em grupo.

FIGURA 17 – 2ª ação ANE e Comunidade – Pontal do Sul



FONTE: Helena Amaral (2017).

Embora fosse expressiva a ausência dos convidados, as atividades aconteceram e não se perdeu o bom humor, nem as oportunidades. Juliana (pedagoga) aproveitou para orientar familiares dos alunos quanto aos estudos e algumas dúvidas sobre as metodologias foram mitigadas.

Nas rodas de conversa foram discutidas as questões dos preconceitos quanto as mães estudantes e os conflitos que surgiram e foram administrados em sala de aula.

FIGURA 18 – Professor Roberto - Diretor do Campus Paranaguá na formatura dos alunos



FONTE: Roberto Teixeira Alves (2017).

Na Figura 18 – observa-se os formandos dos cursos EaD da oferta 2016/2017 para Pontal do Paraná. Um recorde de formandos comparado a outros cursos na mesma modalidade na região.

4.1 Interação em atividades de outros discentes da ANE

A primeira participação foi na Ilha de Superagui com Valdo Cavallet a quem, na época eu teimava chamar de professor. Fui com a turma da Pós-Graduação de Questão Social. Conhecemos lugares, pessoas, compartilhamos espaços, história e solidariedade.

FIGURA 19 – Visita a Ilha de Superagui – Março de 2017



Fonte: Helena Amaral (2017).

Na sequência, tivemos uma roda de conversa proposta pela Fernanda Pasquale sobre educação Inclusiva, a presença e a estabilidade do Projeto Maria da Restinga como apoio às mães estudantes na UFPR – Litoral.

FIGURA 20 – Diálogos sobre o aprendizado da Criança – Abril de 2017.



Fonte: Helena Amaral (2017).

Compartilhamos o pão, a mesa, as histórias, as expectativas, os desejos de mudar a educação e quiçá o mundo, no RU, nos corredores, nos bancos. Éramos um grupo que só a morte pode separar.

FIGURA 21 – Discussão sobre atividades propostas e aulas.



Fonte: Helena Amaral (2017)

Fomos a uma aula no Sambaqui do Guaraguaçu com o professor Marcos de Vasconcellos Gernet e a turma de questão social. Foi um dia de muita interação e troca de conhecimentos.

FIGURA 22 – Conhecendo o Graraguaçu e sua história



. Fonte: Helena Amaral (2017)

FIGURA 23 – Aluna com necessidades especiais foi de bicicleta até a aula *in loco* no Sambaqui.



Fonte: Helena Amaral (2017).

Estivemos presente na intervenção do Landir e da Mayara na aldeia em Piraquara, pudemos conhecer o local, participar de atividades da comunidade, aprender sobre seus costumes e práticas e trocar abraços e sorrisos.

FIGURA 24 – Alunos de Agroecologia e alunos a ANE integrados a comunidade indígena.



Fonte: Landir (2017)

FIGURA 25 – Reserva Indígena em Piraquara:



Fonte: Helena Amaral (2017)

Os alunos de agroecologia foram para entregar alimentos arrecadados durante as aulas.

Marcamos presença no II Encontro de Educação Popular e Práticas Integrativas em Lins – São Paulo, nos dias 11, 13 e 13 de agosto de 2017.

FIGURA 26 – Educação Popular e Práticas Integrativas em Lins (2017)



O encontro em Lins foi mais um dos importantes passos que demos não só na questão do aprendizado sobre educação popular e as diversas formas que ela pode ter.

FIGURA 27 – Encerramento do evento em Lins



. Fonte: Fernanda Pasquale (2017)

Foi importante a descoberta e os questionamentos sobre a questão da autonomia de cada um, o compromisso com a participação no evento, com os colegas e com a natureza. Todos Lavavam seus pratos, limpavam seus espaços e se ajudavam mutuamente.

Em expedição a São Paulo, fomos recebidos inicialmente em um monastério de retiro Seicho-No-le em Cocais-SP, que nos ofereceram um momento de descanso, banho e café da manhã.

FIGURA 28 – Templo Seicho-No-le – Cocais –SP.



Fonte: Helena Amaral (2017)

FIGURA 29 – Valdo Cavallet e os Motoristas do onibus da Universidade.



Fonte: Helena Amaral (2017)

Também fomos a Ibiúna para conhecer uma escola que tem uma educação diferenciada, na ação do Marcos, Arujá para uma reunião com o pessoal da secretaria de educação também ação do Marcos e seguimos para Heliópolis em São Paulo para o VII Seminário Heliópolis, Bairro Educador.

FIGURA 30 – Integrantes da expedição São Paulo



. Fonte: Helena Amaral (2017).

FIGURA 31 – Ibiuna – SP.



Fonte: Helena Amaral (2017)

FIGURA 32 – Arujá – Reunião com responsáveis pela secretaria de educação.



Fonte: Helena Amaral (2017)

FIGURA 33 – VII Seminário Heliópolis, Bairro Educador.



Fonte: Helena Amaral (2017)

4.2 Atividades desenvolvidas – CONANES

A CONANE caiçara foi importante principalmente com o respaldo que a fala do Professor Pacheco nos trouxe. Da possibilidade Legal do processo de humanização da educação, tão negada pela instituição em que trabalho. Esse evento trouxe momentos de grande reflexão. Também achei bastante importante poder acompanhar o evento online na escola onde estava dando aula, podemos compartilhar com meus alunos a transmissão online e também no trabalho no período diurno. O encerramento também trouxe muitas emoções e nasceu uma vontade de participar mais ativamente do evento, não apenas assistir. O que ficou para uma outra data.

FIGURA 34 – Professor José Pacheco e Valdo Cavallet na II Conane Caiçara.



Fonte: Helena Amaral (2017).

A CONANE de Brasília foi um momento único de autoconhecimento, participação ativa e diversificada. Desde o embarque no ônibus, o alto astral que rolou na viagem de ida e volta.

FIGURA 35 – Fazendo sugestões de implementação para as próximas CONANEs.



Fonte: Daniele Ramos (2017)

As formas amistosas das pessoas se relacionarem que dava vontade de abraçar todo mundo de tão gentil que as pessoas eram. Uma grata surpresa foi a nossa hospedagem.

FIGURA 36 – Hospedagem Domiciliar com Dona Verbena e Seu Leonardo.



Fonte: Helena Amaral (2017)

Como a minha parceira de viagem a Daniele Ramos tem problemas graves de coluna, não podendo dormir em qualquer lugar fui incumbida de reservar um hotel para nós. Como não disponho de cartão de crédito, restou-me reservar uma hospedagem domiciliar. Conversamos sempre com um rapaz sempre rápido nas respostas e muito solícito. Levamos então bolo caiçara para dar de recordação. Chegando lá se tratava de um casal de idosos que moravam com o filho formado em Turismo pela UNB que transformou a casa em hospedagem domiciliar cedendo um quarto da casa para hospedar estranhos, os quais tratam como família. Dona Verbena nos levou e trouxe todos os dias do evento, levou-nos para conhecer a cidade e nos levaram para jantar no restaurante preferido deles, inclusive fizeram questão de pagar a conta. Ficamos conhecendo sobre Brasília com infundáveis aulas inclusive com mapas e também sobre o Piauí de onde dona Verbena tem sua origem. A amizade permanece e continuamos a nos falar diariamente desde então. Tudo foi um aprendizado. Não cansativo e sim, um aprendizado gostoso de gentilezas e carinhos, compartilhamento de conhecimentos, alimentos, roupas e, sobretudo de amor.

A última atividade foi a preparação para a CONANE Caiçara 2018 que envolveu muitas reuniões para organização das atividades e apresentação dos projetos para toda a comunidade acadêmica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta foi de atuar através de contato com os estudantes e comunidade, a fim de promover uma educação integral e continuada dos conteúdos do curso mostrando a importância deles para a vida de cada um e do coletivo. Diminuir a solidão tão explícita nos cursos EaD, compartilhando conhecimento, trabalhando em grupo e por afinidade e por localização de moradia. O processo dos cursos técnicos EaD são bastante frios e deixando o estudante cada vez mais distantes. Tanto que para a academia, estudantes EaD sequer são considerados.

Dessa forma, buscou-se estar mais presente, levantando propostas de interação entre comunidade e instituição como parte do processo formativo.

Para tanto, trocamos as aulas em vídeo por rodas de conversa e palestras com profissionais da área que participam das aulas como convidados, esclarecendo as dúvidas dos alunos.

Também foram empreendidas aulas de campo, expositivas e visitas técnicas nas grandes empresas da região com o intuito de mostrar ao estudante a realidade do mercado de trabalho. Devido a estes contatos vários alunos foram contratados ao terminar o curso.

Como proposta para a ANE – pretendemos uma roda de conversa com os alunos parte desse processo educativo para analisar suas visões sobre como essa nova maneira influenciou na sua permanência no curso e como ajudou na sua formação técnica.

No entanto, com o passar do tempo o desafio se mostrou muito maior, nas comunidades onde eram organizados os grupos de estudos percebe-se a necessidade de letramento de adultos. Trabalho iniciados pelos alunos do curso que agora segue em busca de parceiros para continuidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Kaciane Daniella de; LUZ, Nanci Stancki da. Direitos humanos e sexualidade: a educação sexual como promotora da igualdade de gênero e respeito às diversidades. In: **Entrelaçando gênero e diversidade: enfoque para a educação**. Lindamir Salete Casagrande, Nanci Stancki da Luz (org.) Curitiba: ed. UTFPR, 2016.

ALVES, Rubem. **Conversa com quem gosta de ensinar**. Coleção Polêmicas do nosso tempo. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **O melhor de Rubem Alves**. Coordenação (org.) Samuel Ramos Lago. Curitiba: Editora Nossa Cultura, 3 ed. 2014.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação - Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: EGA. 1996.

GALEANO, Eduardo. **El libro de los abrazos**. [S.l.] Siglo Veintiuno. 1991.

MATURANA R. Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 3 ed. 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

NASCIMENTO, Maria Evelynna Pompeu do. A Pedagogia Freinet: natureza, educação e sociedade. 153p.. **Dissertação em Supervisão Educacional**– Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1990.

VASCONCELLOS, C. S.. **(In)Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 19 ed. São Paulo: Libertad, 2014.

_____. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança por uma práxis transformadora**. 12 ed. São Paulo: Libertad, 2013.

_____. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 19 ed. São Paulo: Libertad, 2014.